

INVENTÁRIO DOS CORRELADORES DISJUNTIVOS DO
PORTUGUÊS DO BRASIL

INVENTORY OF DISJUNCTIVE CORRELATORS IN
BRAZILIAN PORTUGUESE

Ivo Costa Rosário

Universidade Federal Fluminense
rosario.ivo3@gmail.com

Jovana Maurício Acosta

Universidade Federal Fluminense
jovanamauricio@hotmail.com

RESUMO:

Este artigo apresenta um inventário dos correladores disjuntivos da língua portuguesa do Brasil e seus contextos de uso. Alguns dos correladores aqui apresentados não são contemplados pelas principais gramáticas do português, apesar de apresentarem produtividade. Os pressupostos teóricos da pesquisa estão calcados na Linguística Funcional Centrada no Uso. O *corpus* utilizado é composto por textos retirados de versões eletrônicas da Revista *Veja on-line*, disponíveis em <http://www.veja.abril.com.br>. A pesquisa demonstra que os correladores disjuntivos em uso no português atual são os seguintes: *ou...ou, seja...seja,...ora...ora, quer...quer, e nem...nem, seja...ou, quer...ou, e nem...ou*.

PALAVRAS-CHAVE: correladores disjuntivos; uso; construção.

ABSTRACT:

This article presents an inventory of disjunctive correlators of the Brazilian variety of Portuguese language and its usage contexts. Some of the correlators presented here are not covered by the main grammars of Portuguese, although they present productivity. The theoretical assumptions of the research are based on the Usage-Based Functional Linguistics. The *corpus* includes texts from electronic editions of *Veja online*, available at <http://www.veja.abril.com.br>. The research demonstrates that the usual disjunctive correlators in contemporary Portuguese are the following: *ou...ou, seja...seja, ora...ora, quer...quer, nem...nem, seja...ou, quer...ou, nem...ou*.

KEYWORDS: disjunctive correlators; usage; construction.

Considerações iniciais

Normalmente, apenas a subordinação e a coordenação são apresentadas como processos de integração oracional pelas gramáticas. A correlação, por sua vez, apesar de ser preterida pela Nomenclatura Gramatical Brasileira e de contar com poucos estudos em profundidade, tem grande importância dentro dos estudos da estruturação do período e no âmbito de toda a sintaxe (cf. ROSÁRIO, 2012, 2013, 2014, 2015, 2017).

Inspirado em Câmara Jr. (1981), Rosário (2012, p. 29) cunhou uma definição para *correlação*, que é adotada neste trabalho: “construção sintática prototipicamente composta por duas partes interdependentes e relacionadas entre si, encabeçadas por correlatores, de tal sorte que a enunciação de uma (prótase) prepara a enunciação de outra (apódose)”. Trata-se, portanto, de um arranjo sintático-semântico distinto da coordenação e da subordinação.

Em geral, no campo da alternância/disjunção, as gramáticas normativas apresentam elementos coordenativos e correlativos como se fizessem parte de um mesmo grupo. Neste trabalho, ao contrário, propomos uma distinção entre *coordenação alternativa* e *correlação disjuntiva*. A coordenação alternativa é entendida como um procedimento sintático normalmente concretizado pela conjunção coordenativa alternativa *ou*. A correlação disjuntiva, por sua vez, engloba correlatores¹, compreendidos como articuladores sintáticos descontinuos responsáveis por veicular a correlação (*ou...ou, ora...ora*, etc). Feita esta importante distinção, este artigo tem como objetivo apresentar um estudo atualizado do inventário dos correlatores disjuntivos efetivamente em uso, na língua escrita sincrônica, no Português do Brasil, a partir de uma amostra de textos da mídia culta escrita.

Pautamos esta pesquisa nos pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), nos termos de Cezario e Furtado da Cunha (2013), Traugott e Trousdale (2013), Bybee (2015), Goldberg (1995, 2006) e Oliveira e Rosário (2016). A LFCU leva em conta as inovações e as mudanças apresentadas na língua tal como efetivamente produzidas no dia a dia, ou seja, tanto as estruturas canônicas quanto as não canônicas.

Apresentamos, na seção 1, uma síntese de como a alternância/disjunção é destacada por alguns autores. Como nosso objeto de estudo é tradicionalmente conhecido como conjunção alternativa, fez-se necessário observar como alguns

¹ O termo *correlatores* foi criado por Rosário (2012), em analogia com *coordenadores* e *subordinadores*. Exemplos de correlatores: *não só...mas também, tanto...como, ou...ou* etc.

estudiosos tratam o assunto em questão. Na seção 2, apresentamos o referencial teórico-metodológico que ampara a pesquisa em foco: a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). Na seção seguinte, denominada *Resultados*, atesamos os *types* encontrados e a análise de dados propriamente dita. Por fim, nas considerações finais, apresentamos os contextos de uso de cada correlator disjuntivo encontrado e algumas observações adicionais de cunho mais geral.

1. Conjunções alternativas na visão gramatical e na perspectiva dos linguistas

Os correlatores disjuntivos, objeto deste trabalho, como citado anteriormente, são tradicionalmente conhecidos, por alguns autores, como *conjunções alternativas*. Vejamos, então, a partir do quadro a seguir, como algumas gramáticas apresentam as conjunções alternativas:

Quadro 1: Conjunções alternativas.

Bechara (1999, p. 321)	Enlaçam as unidades coordenadas matizando-as de um valor alternativo, quer para exprimir a incompatibilidade dos conceitos envolvidos, quer para exprimir a equivalência deles. <i>Ou...ou, quer...quer, seja...seja, ora...ora</i>
Rocha Lima (1999, p. 185, grifos nossos)	As conjunções alternativas relacionam pensamentos que se excluem. O tipo é <i>ou</i> , que pode repetir-se , ou não, antes de todos os elementos coordenados: <i>ou...ou, ora...ora, seja...seja, quer...quer, já...já</i> .
Cunha e Cintra (2001, p. 580, grifos nossos)	As conjunções alternativas ligam dois termos ou orações de sentido distinto, indicando que, ao cumprir-se um fato, o outro não se cumpre. São as conjunções <i>ou</i> (repetida ou não) e, quando repetidas : <i>ora...ora, quer...quer</i> , etc.
Carvalho (2011, p. 365)	As conjunções alternativas justapõem pensamentos que se excluem: <i>ou...ou, já...já, quer...quer, ora...ora, seja...seja</i> .
Neves (2011, p. 593)	A conjunção coordenativa com <i>ou</i> marca disjunção ou alternância entre o elemento coordenado no qual ocorre e o elemento anterior.

Verificamos, com base no quadro anterior, que algumas gramáticas referem-se às aqui chamadas correlatas disjuntivas como estruturas instanciadas por conjunções em repetição (ou conjunções duplicadas). Além disso, essas obras não fazem nenhuma referência específica à correlação, com exceção de Neves (2011), que cita a correlação com *ou* ao tratar da disjunção exclusiva. Deve-se destacar que Neves (2011) filia-se mais propriamente ao grupo dos linguistas, e não dos gramáticos, no sentido mais clássico do termo.

Sob o rótulo geral de conjunções coordenativas alternativas, observamos que os autores restringem-se a citar os conectivos correlativos mais canônicos, ou seja, os que integram o padrão normativo da língua, como *ou...ou*, *quer...quer*, *seja...seja*, *ora...ora*. Curiosamente, Bechara (1999), à diferença dos outros autores aqui apresentados, não considera *seja...seja*, *quer...quer* e *ora...ora* como conectores. Eis uma afirmação do autor:

A numeração distributiva que matiza a ideia de alternância leva a que se empreguem neste significado advérbios como *já*, *bem*, *ora* (repetidos ou não) ou formas verbais imobilizadas como *quer...quer*, *seja...seja*. Tais unidades não são conectores e, por isso, as orações enlaçadas se devem considerar justapostas. (BECHARA, 1999, p. 321).

Bechara (1999) evoca as categorias fonte desses elementos e desconsidera o processo de gramaticalização pelo qual esses itens passam. A razão para não incluir esses elementos no rol das conjunções é que alguns correlatores, como *seja...seja*, ainda possuem características fortemente verbais, como a possibilidade de flexão (*sejam...sejam*). Essa certamente é uma das razões para o autor considerar justapostas as estruturas ligadas pelos elementos citados.

Carvalho (2011, p. 365) apresenta o correlator *seja...seja* como conjunção, no entanto, condena o uso da conjunção flexionada (do tipo *sejam...sejam*). Vejamos:

A conjunção *seja*, por ser conjunção, é invariável. Está, portanto, corretíssima a seguinte passagem da coluna “coisas de política”, de Rosângela Bittar (Jornal do Brasil, 24-12-96): “Portanto ficam sem fundamento as interpretações de recentes declarações do presidente sobre o plebiscito, seja as feitas a deputados (...), seja as expostas em entrevistas (...)”. A tendência do usuário da língua seria pôr no plural as duas ocorrências de *seja*.

Notamos que Carvalho (2011) classifica como um “erro” o uso flexionado da conjunção *seja...seja*. Isso se deve a uma visão bastante rígida do conceito de conjunção. De fato, em geral, as conjunções são palavras invariáveis, sem possibilidade de flexão. Por outro lado, a invariabilidade desses termos linguísticos, apesar de ser uma característica bastante prototípica, não abarca a totalidade das conjunções de uma língua. O processo de flexão ainda pode estar presente em alguns conectivos, justamente por estarem em processo de mudança, com sua forma final ainda não estabilizada.

Além da perspectiva apresentada por Neves (2011), também acrescentamos a visão de Pezatti e Longhin-Thomazi (2008, p. 898), que se filiam ao grupo dos linguistas. Segundo as autoras, a disjunção pode ser efetuada por meio da conjunção *ou*, simples e dupla. A conjunção *ou* na forma dupla equivale ao que chamamos neste trabalho de correlação disjuntiva.

Devemos acrescentar que esse estudo desenvolvido pelas autoras, por ter como objetivo uma análise do português em uso, é um dos poucos que faz referência à correlação instanciada por *seja...ou*. Elas afirmam que esses correlatores, diferentemente do que preveem as convenções normativas, apresentam duas conjunções distintas para estabelecer a ligação de prótase e apódose.

2. Pressupostos teórico-metodológicos

Para esta pesquisa, foram utilizados os pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) ou Abordagem Construcional da Gramática (TRAUGOTT, TROUSDALE, 2013; BYBEE, 2015; ROSÁRIO, OLIVEIRA, 2016; CEZÁRIO, FURTADO DA CUNHA, 2013), que representa a união de conceitos da Linguística Funcional de vertente norte-americana com a Linguística Cognitiva.

Observamos que, a partir dessa fusão, a gramática passa a ser concebida como uma representação da experiência dos indivíduos com a língua, considerando, ainda, que há padrões regulares de uso e formas emergentes em convivência. Assim, a estrutura da língua emerge à proporção de seu uso, e a gramática é compreendida como em constante adaptação em consequência do discurso.

Nessa perspectiva teórica, a gramática é vista em sua totalidade, e forma e significado são pareados como iguais, passando a funcionar como unidades básicas e centrais da língua, operando em diferentes níveis. Com isso, a LFCU prevê que todas as unidades da língua são simbólicas – desde morfemas simples, passando por expressões idiomáticas, estruturas sintáticas (GOLDBERG, 1995, 2006), até padrões mais abstratos.

Dentro dessa perspectiva, defendemos que os correlatores disjuntivos são, de fato, construções linguísticas gramaticais, tendo em vista que são dotados de forma e sentido. Ademais, constituem nós na rede dos conectores em língua portuguesa.

À luz desses fundamentos teóricos, foram analisados textos de 61 edições da Revista *Veja on-line*, disponíveis em <http://www.veja.abril.com.br>, no período de janeiro de 2013 a fevereiro de 2014. Assim, a pesquisa caracteriza-se

como sincrônica, com foco no Português do Brasil (PB) escrito, especialmente na variedade linguística utilizada pela mídia escrita.

Na primeira fase da análise, foram coletados todos os correlatores que estabelecem a noção de disjunção, tanto em estruturas oracionais quanto não oracionais. Em seguida, com base na constatação de alguns autores, como Raposo *et alii* (2013), de que a correlação com *ou...ou* apresenta uma leitura semântica de exclusão, decidimos observar quais *types* apresentavam a leitura semântica de exclusão ou inclusão, em um maior refinamento analítico.

3. Resultados

Foram encontrados oito diferentes correlatores estabelecendo a correlação disjuntiva. Vejamos esses *types*, acompanhados de sua frequência de uso (cf. ACOSTA, 2016, p. 54):

Tabela 1: *Types* de construções correlatas disjuntivas.

<i>Types</i>	<i>Tokens</i>	%
<i>ou...ou</i>	63	34,8%
<i>seja...seja</i>	42	23,2%
<i>seja...ou</i>	32	17,7%
<i>ora...ora</i>	21	11,6%
<i>nem...nem</i>	16	8,8%
<i>quer...quer</i>	4	2,2%
<i>quer...ou</i>	2	1,2%
<i>nem...ou</i>	1	0,5%
<i>Total</i>	<i>181</i>	<i>100%</i>

A primeira importante observação acerca da tabela 1 é que a correlação disjuntiva estabelece-se na língua em uso por meio de *correlatores espelhados*, ou seja, repetidos (*ou...ou*, *seja...seja*, *ora...ora*, *nem...nem* e *quer...quer*), ou

por meio de *correlatores não espelhados*, ou seja, diferentes (*seja...ou, quer...ou e nem...ou*). Na seção a seguir, veremos mais detalhadamente cada um dos correlatores espelhados e não espelhados encontrados no *corpus*.

Ao observarmos a tabela 1, verificamos que o *type ou...ou* apresenta-se como o mais frequente entre as construções correlatas disjuntivas, como era esperado, já que as gramáticas, de um modo geral, apresentam a conjunção *ou* como a mais utilizada pelos usuários da língua no campo da alternância.

De acordo com Traugott e Trousdale (2013), construções são objetos linguísticos convencionais cuja frequência de ocorrência pode influenciar a categorização. Sendo assim, calcados na perspectiva construcional, que funciona como aporte teórico para esta pesquisa, concluímos que o *type ou...ou* é o membro central prototípico das construções correlatas disjuntivas, pois se apresenta como um exemplar de alta frequência dentro de sua categoria e já está altamente convencionalizado pelos usuários da língua. É um correlator econômico (bem leve em termos fonológicos) e facilmente acessível pelos falantes em seu repertório linguístico. Tudo isso corrobora a prototipicidade de *ou...ou*.

A partir da análise da tabela, verificamos também que, curiosamente, o terceiro *type* mais frequente de construção correlata foi *seja...ou*, um correlator que não está previsto nas gramáticas normativas e que é pouco abordado pelas gramáticas em geral, inclusive pelas que apresentam uma visão menos tradicional a respeito dos fenômenos linguísticos. Nas subseções seguintes, com base na perspectiva construcional, apresentaremos uma hipótese para como o *type seja...ou* foi recrutado pelos falantes da língua portuguesa.

Por ora, destacamos que a observação da alta frequência apresentada pelo *type seja...ou* demonstra a importância de se levar em conta a língua em uso na análise linguística, e ressalta a necessidade de se fazer uma revisão de nossas obras gramaticais. Afinal, novos padrões precisam ser contemplados, visto que já são atestados, inclusive, em textos normatizados do português padrão, como são os textos midiáticos utilizados no *corpus* desta pesquisa.

3.1 Correlatores espelhados

A análise dos dados revelou cinco *types* de construções correlatas disjuntivas formadas por correlatores espelhados. Observemos quais são eles, acompanhados de sua frequência de uso:

Tabela 2: *Types* de construções correlatas disjuntivas espelhadas

<i>Types</i>	<i>Tokens</i>	%
<i>ou...ou</i>	63	43,1%
<i>seja...seja</i>	42	28,7%
<i>ora...ora</i>	21	14,4%
<i>nem...nem</i>	16	10,9%
<i>quer...quer</i>	4	2,9%
<i>Total</i>	<i>146</i>	<i>100%</i>

Atestamos, com base na tabela 2, que os *types* espelhados são os mais prototípicos, já que das 181 ocorrências encontradas, 146, ou seja, 80,6% dos dados são formadas por *types* dessa natureza.

Esses correlatores espelhados podem ser divididos em três grupos, a partir dos elementos gramaticais que os formam: os de base conjuncional, os de base verbal e os de base substantiva. Vejamos cada grupo em particular.

3.1.1. *Correlatores de base conjuncional*

Os correlatores disjuntivos espelhados *ou...ou* e *nem...nem*, encontrados no *corpus* de análise, originaram-se, por via histórica, das conjunções *ou* e *nem* respectivamente. Esses correlatores são tradicionalmente apresentados nas gramáticas, como já dissemos, como conjunções coordenativas.

Rocha Lima (1999) e Cunha e Cintra (2001) apresentam esses elementos apenas como uma repetição das conjunções *ou* e *nem*. No entanto, veremos, a seguir, que esses correlatores não são apenas uma repetição das conjunções já existentes, já que apresentam valores semânticos e pragmáticos diferenciados em relação à sua conjunção de origem.

Como era previsto, já que as gramáticas de um modo geral apresentam a conjunção *ou* como a mais utilizada pelos usuários da língua no plano semântico da alternância, as construções espelhadas com *ou...ou* confirmaram-se como as correlatas disjuntivas prototípicas em nosso *corpus*.

Dos 146 *tokens*, 63 ocorrências (quase 44% das construções) são encaixadas por *ou...ou*, confirmando, assim, sua exemplaridade em relação aos outros correlatores disjuntivos, provavelmente por serem mais curtos, mais

leves em relação à sua quantidade de massa fônica e pela maior facilidade de processamento em relação aos outros *types*. Observemos o dado a seguir:

		PRÓTASE	APÓDOSE
(1)	As forças assadistas parecem estar nos tomando a dianteira, deixando a Síria com duas opções:	ou continua, na maior parte, sob o domínio do tirano	ou cai nas mãos dos fundamentalistas muçumanos que hoje controlam praticamente todas as forças da rebelião.

Revista Veja on-line, ed.22/05/2013, p. 29

Nessa ocorrência, observamos que os correlatores *ou...ou* transmitem à construção uma noção semântica de disjunção exclusiva, já que uma opção exclui a outra. A Síria deve escolher entre uma opção ou outra: ou continua sendo dominada ou cai nas mãos dos fundamentalistas. A interpretação exclusiva fica ainda mais evidenciada pela porção textual que precede a prótase correlativa (“deixando a Síria com *duas opções*”) (grifo nosso).

A manifestação de uma interpretação exclusiva nas construções com *ou...ou* foi observada em todas as estruturas encabeçadas por esse par de correlatores, ou seja, os 63 *tokens* instanciados apresentaram a leitura de exclusão, confirmando a afirmação de Pezatti e Loghin-Thomazi (2008, p. 899) e de outros autores de que a repetição da conjunção *ou* não indica uma “mera variação estilística ou enfática”, mas uma oposição dos sentidos expressos pelas conjunções. Ou seja, o par *ou...ou* é utilizado no português atual apenas para indicar a exclusão, com uma função distinta do *ou* coordenativo.

A disjunção exclusiva é apontada como uma particularidade de *ou...ou* também por outros autores. Neves (2011), por exemplo, afirma que o conectivo *ou* ora indica inclusão, ora exclusão, destacando, no entanto, que a disjunção com *ou...ou* sempre será exclusiva. Em relação à frequência de *ou* e *ou...ou*, Pezatti e Loghin-Thomazi (2008, p. 900) ressaltam que a forma ambígua (*A ou B*) é a não marcada no português falado no Brasil, ao passo que a forma exclusiva (*ou A ou B*) é a forma marcada. Sendo assim, as autoras concluem que *ou...ou* é menos produtivo, justamente pelo fato de significar apenas exclusão, com menor espectro de uso.

A comprovação de que as construções correlatas disjuntivas com *ou...ou* veiculam apenas a semântica de exclusão reforça seu estatuto particular, demonstrando que essa construção é diferente de *ou* simples. Portanto, as cor-

relatas disjuntivas não podem ser englobadas dentro da coordenação com *ou*, devido às suas peculiaridades.

Já a partícula *nem*, de acordo com Barreto (1992, p. 85-86), pode funcionar como um advérbio ou conjunção aditiva negativa correspondendo a *e não*, e “vem sempre precedida de sentença negativa”. Já o par *nem...nem*, ainda segundo a autora citada, teria valor correlativo alternativo, no sentido de expressar uma “alternância negada”. O par *nem...nem* já era empregado no latim, antes de itens lexicais, sintagmas ou sentenças.

Vejamos, a seguir, um dos *tokens* encontrados de *nem...nem*.

		PRÓTASE	APÓDOSE	
(2)	A paz é um dueto, não um solo. E não tivemos ainda uma só declaração,	nem da OLP,	nem do Hamas,	Muito menos do Hezbollah, que aceite o direito de Israel existir.

Revista Veja on-line, ed.15/01/2014-,pág. 19

Atestamos, no dado (2), que o correlator *nem...nem* estabelece uma correlação disjuntiva negativa, assim como citado por Barreto (1992). Entretanto, reconhecemos que os limites entre alternância e adição tornam-se altamente difusos, a ponto de ser possível a postulação de uma construção alternativo-aditiva, de cunho negativo.

Segundo Santos (1990, p.72), “o uso de *nem* em lugar de *ou* tem como efeito não somente a apresentação de alternativas, mas, mais do que isso, a negação, simultânea à apresentação dessas mesmas alternativas”. Ou seja, duas alternativas são apresentadas para mostrar que elas não se realizam.

Observemos outra ocorrência de *nem...nem*, encontrada nos dados:

		PRÓTASE	APÓDOSE
(3)	Mas sua desgraça é que não cresceu,	nem perto do necessário,	nem com a rapidez de que precisava.

Revista Veja on-line, ed. 25/12/2013, pág. 60

Observamos, no *token* citado, que o correlator *nem...nem* estabelece a disjunção negativa entre prótase e apódose, apresentando alternativas que não

se realizaram, assim como afirmado anteriormente por Santos (1990). Essa interpretação é reforçada pela presença da partícula *não*, que antecede a prótase. De fato, todo contexto reforça a polaridade negativa do discurso.

Verificamos, ainda, em relação ao valor semântico de *nem...nem*, que todas as construções, diferentemente de *ou...ou*, apresentaram a leitura semântica de inclusão, com uma especificidade já levantada: uma inclusão de cunho negativo, o que reforça o caráter híbrido dessa construção, visto que compartilha traços com a noção de adição. Vejamos:

		PRÓTASE	APÓDOSE
(4)	O desprezo pela canção popular - ou popularesca, como preferem alguns - tem certo preconceito de classes. Em geral, seus intérpretes são de origem humilde e têm pouca escolaridade. Musicalmente o brega não cultiva	nem a tradição	nem a modernidade

Revista Veja on-line, ed. 01/01/2014, pág. 90

Observamos, no *token* citado, que a música brega não cultiva a tradição e também não cultiva a modernidade, ou seja, não cultiva nenhuma das duas. Sendo assim, a leitura apresentada é de inclusão.

3.1.2. Correlatores de base verbal

Os correlatores espelhados *seja...seja* e *quer...quer* são de base verbal, pois tiveram como origem os verbos *ser* e *querer*, respectivamente. Esses correlatores, assim como os já citados, também apresentaram um traço persistente de sua palavra de origem: preservaram características verbais que atuam no comportamento sintático e semântico dessas construções, como veremos a seguir.

O primeiro *type* espelhado de base verbal a ser analisado é o *seja...seja*. Esse *type* aparece em segundo lugar na preferência dos usuários da língua, no *corpus* analisado. Dos 146 *types* espelhados apresentados na análise de dados, 42 *tokens* são de *seja...seja*.

O correlator *seja...seja*, de acordo com Pezzatti e Longhin-Thomazi (2008, p. 898), “manifesta, na realidade, uma forma de repetição do predicado verbal, que parece estar se gramaticalizando como conjunção”. Sendo assim, as autoras afirmam que a conjunção ainda se encontra em processo de mudança. Vejamos um dos *tokens* encontrados em nossos dados:

		PRÓTASE	APÓDASE	
(5)	O direito de ir e vir é sagrado,	seja para pobre,	seja para rico,	inclusive nos shoppings. Mas precisa ir em bando de 500, 1000, 2000?

Revista Veja on-line, ed. 29/01/2014, pág. 27.

Em (5), observamos que o *type seja...seja* estabelece a correlação disjuntiva entre dois termos, ou seja, correlaciona estruturas não oracionais e apresenta a alternância típica da construção disjuntiva. O fato de *seja...seja* correlacionar, com maior frequência, termos não oracionais (cf. ACOSTA, 2016) configura, em nossa pesquisa, uma característica particular desse correlator.

A preferência de *seja...seja* pelas construções não oracionais é uma constatação de que o correlator, por si só, ainda preserva características de seu estatuto verbal. De fato, dos 42 *tokens* instanciados, 32 correlacionavam termos não oracionais.

Alguns autores tecem comentários sobre os resquícios verbais preservados por *seja...seja*. Por exemplo, Camacho (1999, p. 2687), ao analisar a língua espanhola, resalta a distribuição sintática diferenciada apresentada por esse correlator em relação aos outros *types* disjuntivos. O autor afirma que *seja...seja* coordena orações e sintagmas preposicionados, mas sua distribuição é bem mais limitada com argumentos do verbo. Sendo assim, apresenta a preferência por sintagmas preposicionados. É o que constatamos em nossos dados, visto que, das 32 construções de *seja...seja* não oracionais encontradas, 19 eram compostas por sintagmas preposicionados.

O autor salienta, ainda, que, por preservar o seu caráter verbal, o correlator *seja...seja* bloqueia a proximidade de outros verbos, e daí a sua preferência por correlacionar termos não oracionais. Um fator ainda mais saliente desse resquício verbal é o aparecimento, em alguns dados, do *seja* flexionado. Vejamos o *token* a seguir:

		PRÓTASE	APÓDASE
(6)	Suíços fazem ótimos chocolates, fabricam esplêndidos relógios e, alpinos que são adoram montanhas.	sejam aquelas de cumes gelados,	sejam as nem tão metafóricas assim, compostas de euros e dólares convertidos em francos nativos.

Revista Veja on-line, ed. 15/05/2013, pág. 102

Em (6), o *seja...seja* aparece flexionado (*sejam... sejam*), apresentando mais um indício de que o correlator ainda preserva traços verbais, já que as conjunções tradicionalmente, por definição, não recebem o traço da flexão.

A seguir, observamos outro *token*, apresentando o correlator *sejam...seja*, ainda mais idiossincrático. Observemos:

		PRÓTASE	APÓDASE
(7)	Prada tem um quarto só seu, decorado com borboletas na parede, e adora enfeites	sejam as bijuterias da dona,	seja sua própria gargantilha de pérolas verdadeiras.

Revista Veja on-line, ed. 14/08/2013, pág. 97

Nesse *token*, constatamos que apenas o primeiro correlator é flexionado, pois acompanha a marca de plural do sintagma nominal presente na prótase (*as bijuterias da dona*). O segundo correlator mantém-se em uma forma não marcada, justamente por combinar-se com um sintagma singular (*sua própria gargantilha de pérolas verdadeiras*).

A análise dos dados de *seja...seja* revelou também que, em todas as ocorrências, a disjunção apresentada é inclusiva. Vejamos:

		PRÓTASE	APÓDASE
(8)	Os autômatos tomam suas próprias decisões	seja em situações de policiamento	seja em zonas de intervenção militar.

Revista Veja on-line, ed. 05/02/2014, pág. 103

Verificamos que *os autômatos tomam suas próprias decisões* tanto em situações de policiamento quanto em zonas de intervenção militar. Há, portanto, uma ideia de inclusão, e não exclusão, como comumente ocorre com o correlator *ou...ou*. Sendo assim, a disjunção com *seja...seja* é tipicamente inclusiva.

O segundo correlator de base verbal encontrado nos dados foi *quer...quer*. De acordo com Barreto (1999, p. 450), a conjunção *quer* é derivada do verbo *querer* de 3ª pessoa do presente do indicativo que, por sua vez, é “oriundo do latim *quaerere*, ‘buscar’, ‘aspirar’, ‘desejar’”. Ainda segundo a autora, a conjunção correlativa *quer...quer* originou-se a partir de um processo de re-categorização (*verbo* > *conjunção*) e foi acompanhada, em alguns casos, por uma mudança de conteúdo semântico, pois pode indicar, em alguns contextos, um valor concessivo-condicional como observado no exemplo seguinte, tam-

bém fornecido por Barreto (1999): *Quer eu faça isto, quer eu faça aquilo, ela sempre reclama comigo.*

No exemplo citado, a autora demonstra que poderíamos facilmente substituir a conjunção duplicada *quer* pela conjunção condicional *se*. Outros autores como Garcia (1975) também ressaltaram o caráter concessivo-condicional de *quer...quer*, no entanto, a autora ressalta que, em outros casos, a conjunção apresenta seu valor primitivo, o alternativo, e segue o valor semântico de *ou...ou*, como no exemplo a seguir: *Quer chova quer faça sol, irei à praia.*

Em nossos dados, foram encontrados apenas quatro *tokens* de *quer...quer*, demonstrando ser este o correlator menos frequente entre os que veiculam a noção de disjunção. Vejamos a seguir um desses *tokens* encontrados:

		PRÓTASE	APÓDOSE
(9)	Não importa o destino do projeto de lei, é evidente que prostitutas, por necessidade, gosto ou as duas coisas, continuarão a vender seus serviços,	quer você queira,	quer não.

Revista Veja on-line, ed.19/02/2014, pág. 23

Verificamos também que, apesar de o correlator *quer...quer* apresentar uma base verbal como *seja...seja*, em nenhum caso admite a flexão. De acordo com Kury (2003), isso ocorre porque, diferentemente do que acontece com *seja...seja*, a conjunção *quer...quer* já está totalmente gramaticalizada, permanecendo, assim, sempre invariável. Observamos que, em todos os *tokens* instanciados pelo *type quer...quer*, a disjunção apresentada foi também inclusiva, assim como aconteceu com o *type seja...seja*.

3.1.3. Correlatores de base substantiva

Um dos correlatores encontrados, em nossa análise, apresenta como base uma palavra substantiva. É o caso do correlator *ora...ora*.

Barreto (1999) afirma que o substantivo latino *hora*, precedido do demonstrativo *hac* (*hac hora*) deu origem ao advérbio português *agora* ‘nesta hora’, ‘neste momento’. Já a preposição *ad* (*ad hora*) mais o substantivo *hora* deu origem ao advérbio português *ora*, semanticamente equivalente.

O *type ora...ora* também apareceu nos dados como um dos correlatores que instanciam construções correlatas disjuntivas, totalizando 21 *tokens*. Observemos um dado:

		PRÓTASE	APÓDOSE
(10)	O cantor carioca, nascido João Luiz Wordenberg Filho, passou boa parte da vida trombandando	ora com a lei (nos anos 80, usuário contumaz de drogas diversas, era chamado tantas vezes às delegacia que passou a andar com algemas no bolso),	ora com seus colegas músicos.

Revista Veja on-line, ed. 28/08/2013, pág. 15

Em (10), percebemos que o correlator *ora...ora*, além da disjunção, também veicula um valor temporal secundário que pode ser percebido com clareza. Observamos que prótase e apódose poderiam ser parafraseadas por: “*O músico, em alguns momentos, tinha problemas com a polícia e, em outros momentos, com seus colegas*”.

A semântica temporal apresentada por esse correlator pode ser depreendida por conta da persistência de sua palavra de origem, como foi explicado por Barreto (1999), em uma visão essencialmente diacrônica. Em todos os *tokens* encontrados, o correlator *ora...ora*, de fato, preserva o conteúdo semântico de tempo. Observemos o dado a seguir:

		PRÓTASE	APÓDOSE
(11)	Vivemos a era do individualismo tecnológico. Criamos perfis virtuais que nem sempre condizem com a realidade. Com alguns cliques,	ora nos apresentamos como pessoas amáveis,	ora como pessoas totalmente poderosas.

Revista Veja on-line, ed. 16/01/2013, pág. 28

Percebemos que a noção semântica de tempo também é facilmente percebida no *token* acima. Com relação aos perfis criados nas redes virtuais, verificamos que, em alguns momentos, “nos apresentamos como pessoas amáveis” e, em outros momentos, “como pessoas totalmente poderosas”. Verificamos, também, que todos os *tokens* instanciados pelo *type ora...ora* apresentam a leitura semântica de exclusão. Observemos mais um dado:

		PRÓTASE	APÓDOSE
(12)	Uma parte das que se veem enredadas pela pressão procura ajuda especializada para tratar do assunto, deixando entrever o preconceito do qual são alvo,	ora velado,	ora escancarado.

Revista Veja on-line, ed. 29/05/2013, pág. 120

Notamos que, em (12), um momento exclui o outro. Em alguns momentos, o preconceito é *velado*, em outros momentos ele é *escancarado*. É impossível, portanto, uma leitura inclusiva.

3.2. Correlatores não espelhados

A análise dos dados revelou três *types* da construção correlata disjuntiva não espelhada, ou seja, formada por correlatores com itens diferenciados. Vejamos:

Tabela 3 - *Types* de construções correlatas disjuntivas não espelhadas

<i>Types</i>	<i>Tokens</i>	%
<i>seja...ou</i>	32	91,44%
<i>quer...ou</i>	2	5,71%
<i>nem...ou</i>	1	2,85%
Total	35	100%

Foram encontradas 32 ocorrências do *type* *seja...ou* na análise dos dados, o que é uma frequência alta para um correlator disjuntivo considerado não canônico, tendo em vista que as gramáticas, de um modo geral, não mencionam a existência desse conector. Ademais, devemos frisar que essas ocorrências foram flagradas em um *corpus* com forte apelo normativista, como é a Revista *Veja*.

Pezzati e Loghin-Thomazi (2008) enquadram o correlator *seja...ou* dentro dos disjuntivos, e afirmam que a associação de *seja* com *ou* é frequentemente licenciada na língua em uso. Vejamos, para fins ilustrativos, um dado de cada *token* não espelhado encontrado no *corpus*:

		PRÓTASE	APÓDOSE
(13)	Além disso, o aumento na capacidade portuária depende de avanços no acesso aos terminais,	seja por rodovias,	ou ferrovias.

Revista Veja on-line, ed. 22/05/2013, pág. 120

		PRÓTASE	APÓDOSE
(14)	"Niels por que a ferradura? Você não pode acreditar nisso". Ele respondeu: É claro que não acredito. Mas isso funciona	quer você acredite	ou não.

Revista Veja on-line, ed. 15/01/2014, pág. 19

		PRÓTASE	APÓDOSE
(15)	Ninguém faz nada quanto a isso; por alguma razão misteriosa, insondável, nada se corrige. Homens, mulheres, jogados aos magotes em celas que não admitiriam razoavelmente	nem seis,	ou dez.

Revista Veja on-line, ed. 18/12/2013, pág. 32

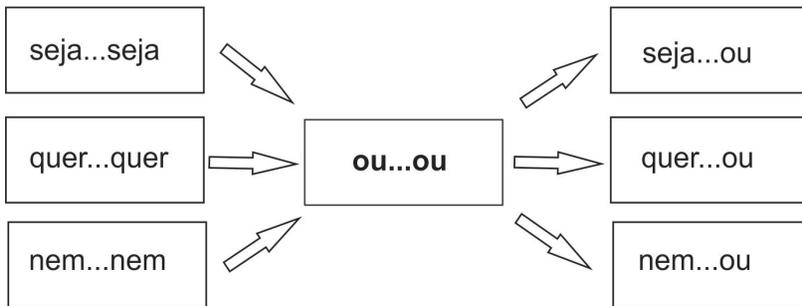
Observamos que todos os *tokens* instanciados pelos *types* *quer...ou, seja...ou* e *nem...ou* apresentam a leitura semântica de inclusão. Outro traço geral é que todos são formados a partir da mescla de *types* espelhados já existentes.

Para explicarmos o surgimento dessas formas, valemo-nos da obra de Traugott e Trousdale (2013). Segundo esses autores, um dos mecanismos de mudança existentes para explicar o surgimento de uma nova construção é o fenômeno da analogização. Na analogização, o falante reconfigura e alinha traços de uma construção já existente para a formação de uma construção nova (cf. ROSÁRIO, 2017).

O exemplar da categoria de uma construção é tomado como um modelo para a criação de novos *types*. Sendo assim, observamos que o mecanismo da analogização é útil para a interpretação dos mecanismos de mudança operados na criação dos *types* *seja...ou, quer ...ou* e *nem...ou*.

Esses *types* foram formados, de fato, por meio da atração de membros e de construtos já existentes, que são os seguintes: *seja...seja*, *quer...quer*, *nem...nem* e *ou...ou*. Os correlatores não espelhados alinham traços das velhas e das novas construções, possibilitando a emergência de novas formas. Vejamos a figura abaixo (cf. ACOSTA, 2016, p. 86):

Figura 1: Efeito da analogização nas construções não espelhadas



Observamos, a partir da figura 1, que o *type ou...ou* está parcialmente presente em todos os novos *types* criados, demonstrando grande produtividade. Isso ocorre por ser ele o membro exemplar da categoria das construções correlatas disjuntivas, o que pode ser comprovado pela sua antiguidade e alta frequência *token* até os dias de hoje. De fato, o conectivo *ou* é o elemento alternativo/disjuntivo por excelência. Daí a presença dele nos novos *types* formados, garantindo a persistência desse matiz semântico fundamental.

De acordo com a abordagem construcional proposta por Traugott e Trousdale (2013), esse fenômeno acontece porque, ao utilizarmos a língua, acessamos informações estocadas, e aquelas que são mais frequentes são acessadas com maior facilidade. Sendo assim, como o *type ou...ou* é o mais frequente, ele é mais facilmente recrutado pelo usuário da língua.

Bybee (2015), em estudo recente, acrescenta que formas com alta frequência são resistentes à mudança e mais suscetíveis a servirem como base para inovações linguísticas, assim como ocorre com as construções com *ou...ou* aqui citadas. De fato, por serem mais fortemente representadas na memória, são mais facilmente acessadas e utilizadas como base para a criação dos novos usos.

Bybee (2015) enriquece os estudos de mudança linguística ao propor os conceitos de *nivelamento analógico* e *extensão*. O primeiro ocorre quando uma

nova forma criada a partir da base de um paradigma elimina uma alternativa mais antiga já existente. Já a extensão, ocorre quando há um acréscimo no paradigma, baseado em um modelo prototípico.

Com base nesses postulados, é possível hipotetizarmos que o processo de mudança que deu origem aos pares correlatos não espelhados é o da extensão, já que observamos, a partir deste estudo, uma alternância no paradigma que não elimina formas anteriores. Essa é uma hipótese forte, mas que naturalmente precisará se fundamentar em estudos futuros, com base em dados diacrônicos.

De uma forma geral, com relação aos usos dos correlatores não espelhados, concluímos que os *types seja...ou, quer ...ou e nem...ou* apresentam-se como marginais na categoria das construções correlatas disjuntivas. Diferentemente do *type* prototípico *ou...ou*, que apresenta valor de exclusão, maior possibilidade de inversão e preferência por estruturas oracionais, esses *types* não espelhados apresentam a leitura semântica de inclusão, menor possibilidade de inversão e apresentam-se com maior frequência em estruturas não oracionais.

Concluímos também que o processo de analogização, ao qual foram submetidos os *types* para a criação das novas formas, resultou em um processo de mudança que alargou a rede construcional da disjunção correlativa em língua portuguesa (cf. ACOSTA, 2016; ROSÁRIO, 2017).

Considerações finais

Verificamos, neste trabalho, que a construção correlata disjuntiva pode se apresentar na língua em uso a partir de diversos *types*, que são dotados de especificidades. Embora tivéssemos inicialmente como referência o *type ou...ou*, que de fato se comprovou como o mais prototípico, e alguns outros mais recorrentes como *ora..ora* e *seja..seja*, verificamos a ocorrência de outros correlatores disjuntivos que também estabelecem a disjunção, de forma provavelmente inovadora.

A partir dessa observação em relação aos *types*, surge um questionamento: Com que finalidade o falante recruta tantos *types* diferentes para estabelecer a correlação disjuntiva? Concluímos que o falante recruta novas formas, pois seu objetivo é sempre a necessidade de conferir maior expressividade ao discurso, daí a renovação no rol desses conectivos.

Em seguida, a partir da análise minuciosa de cada *type*, verificamos que, apesar de todos estabelecerem a disjunção, cada correlator apresenta um matiz semântico particular que se encaixa melhor em um determinado contexto de

uso. Observamos que esse matiz semântico particular apresentado por cada *type* é decorrente, pelo menos parcialmente, da origem de cada correlator. Vejamos o quadro a seguir, com os correlatores disjuntivos espelhados:

Quadro 2: Contexto de uso das construções correlatas disjuntivas espelhadas. Fonte: Os autores

Types	Contexto de uso
<i>ou...ou</i>	Exclusão/alternância prototípica.
<i>seja...seja</i>	Inclusão/alternativas que não se excluem em padrões não oracionais.
<i>ora...ora</i>	Exclusão/estruturas com noção temporal.
<i>quer...quer</i>	Inclusão/ alternativas que não se excluem em padrões não oracionais.
<i>nem...nem</i>	Negação de duas alternativas.

A partir do quadro 2, observamos que o *type ou...ou* é recrutado pelo falante para explicitar a alternância prototípica, em que se apresentam alternativas com o valor preciso de exclusão.

Já o *type seja...seja* é recrutado nos casos em que o falante quer explicitar duas alternativas que não se excluem, representando, na verdade, um acréscimo, uma inclusão de alternativas, por meio de padrões não oracionais.

O *type ora...ora* também é indicado para expressar exclusão, no entanto, a sua noção semântica temporal faz com que ele seja recrutado para as estruturas em que o falante deseja veicular, mesmo que subsidiariamente, uma noção de tempo.

Já o *type quer...quer* parece indicar inclusão como *seja...seja*, entretanto, não podemos tecer afirmações categóricas sobre esse *type* pelo fato de termos encontrados apenas quatro *tokens*. Os poucos dados apontam que esse *type* é mais utilizado para os casos de estruturas oracionais, pelo fato de já estar totalmente gramaticalizado e não bloquear a presença dos verbos como ocorre com *seja...seja*.

O *type nem...nem* é recrutado pelo usuário da língua quando o falante quer apresentar uma negação das alternativas apresentadas, sendo bastante próximo da noção de adição, o que poderia até mesmo possibilitar uma classificação do tipo alternativo-aditivo.

Já com relação aos *types* não espelhados, embora tenhamos percebido que tenham trazido traços de seus correlatores de origem, não foi possível depreender nesta pesquisa os contextos exatos de seus usos. Essa é uma questão aparentemente nova, que demandará mais estudos em vista de um maior aprofundamento futuro.

Enfim, ao concluirmos este artigo, cumprimos o intento de apresentar o inventário atualizado dos correlatores disjuntivos no português do Brasil, a partir de amostras da variedade culta da mídia escrita. Que outras pesquisas nesse amplo universo da correlação possam se unir a este trabalho, tendo em vista a necessária descrição cada vez mais pormenorizada dessas construções tão preteridas pela Tradição em geral, inclusive abarcando outros *corpora* representativos de outras variedades e modalidades da língua portuguesa.

Referências bibliográficas

- ACOSTA, Jovana Mauricio. *Análise funcional das construções correlatas alternativas*. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem). UFF, Instituto de Letras, Niterói, 2016.
- BARRETO, Therezinha Maria Mello. *Gramaticalização das conjunções na história do português*. 2v. Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucrecia, 1999.
- BYBEE, Joan. The study of language change. In: _____. *Language change*. United Kingdom: Cambridge University Press, 2015.
- CAMACHO, José. La coordinación. In: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta. (Orgs.). *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Espasa, 1999.
- CARVALHO, José Augusto. *Gramática Superior da Língua Portuguesa*. Brasília: Thesaurus, 2011.
- CEZARIO, Maria Maura; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. (Orgs.) *Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad x FAPERJ. 2013.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- GARCIA, Othon Moacir. *Comunicação em prosa moderna*. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1975.
- GOLDBERG, A. *Constructions: a construction approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006
- KURY, Adriano da Gama. *Novas lições de análise sintática*. São Paulo: Ática, 2003.

- NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do Português*. São Paulo: UNESP, 2011.
- PEZATTI, Erotilde Goreti; LONGUIN-THOMAZI, Sanderléia Roberta. As construções coordenadas. In: ILARI, Rodolfo; NEVES, Maria Helena de Moura (Orgs.) *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*: vol. 2 – classes de palavras e processos de construção. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008.
- RAPOSO, Eduardo Buzaglo Paiva *et al.* (Org.). *Gramática do Português*. Vol. I e II. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2013.
- ROCHALIMA, Carlos Henrique. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.
- ROSÁRIO, Ivo da Costa do. *Construções correlatas aditivas em perspectiva funcional*. 2012. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). UFF, Instituto de Letras, Niterói, 2012.
- ROSÁRIO, Ivo da Costa do. Construções correlatas aditivas na perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso. In: *Anais do IV Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática e XVII Seminário Nacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática*: Teoria da gramaticalização e Gramática de construções. Natal - RN: Editora da UFRN, 2013. p. 26-41. Disponível em <https://degnatal.files.wordpress.com/2015/04/teoria-da-gramaticalizac3a7c3a3o-e-gramc3a1tica-de-construc3a7c3b5es.pdf>
- ROSÁRIO, Ivo da Costa do. Correlação. In: VIANNA, Edila; DIAS, Nilza Barrozo. (Orgs.). *Português III*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2014, v. 1, p. 109-124.
- ROSÁRIO, Ivo da Costa do. Sintaxe Funcional. In: OTHERO, Gabriel de Ávila; KENEDY, Eduardo. (orgs.). *Sintaxe, Sintaxes*: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2015, p. 143-162.
- ROSÁRIO, Ivo da Costa do. Construções correlatas aditivas e disjuntivas. In: *Odisseia*, v. Especial, p. 103-124, 2017. Disponível em <https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/12903/9020>.
- ROSÁRIO, Ivo da Costa do; OLIVEIRA, Mariangela Rios. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. In: *Alfa*: Revista de Linguística (UNESP. Online), v. 60, p. 233-259, 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/alfa/v60n2/1981-5794-alfa-60-2-0233.pdf>
- SANTOS, Liliâne Moreira. *Nem*: negação/adição/argumentação. Dissertação (Mestrado em Linguística). UNICAMP, Campinas, 1990.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

Recebido em 22 de janeiro de 2018.

Aceito em 7 de março de 2018.